O QUE É SER PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA NA ERA DIGITAL?[1]

Alexsandra Moraes Neves[2]

RESUMO: Traça um breve histórico do ensino de Língua Inglesa no Brasil até os dias atuais, buscando compreender até que ponto o processo de ensino deste componente curricular contempla o emprego das novas tecnologias em sua metodologia, visto que, no Estado do Amazonas, há mais de dois anos, a Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino (SEDUC-AM) tem anunciado a implantação de um projeto intitulado "Professor na Era Digital" através do qual os professores de toda a rede pública estadual estariam inovando suas metodologias de ensino a partir das novas tecnologias e da educação tecnológica no Estado. Com base em autores como Kumar (1997). Lévy (1999), Santos (2011) e Tedesco (2004), delimita e conceitua os termos atrelados à Era Digital e parte para a análise de dados coletados durante a investigação feita junto aos professores desta rede de ensino para certificar-se de que o programa anunciado pelo Governo do Amazonas, de fato, vem consolidando o que estes teóricos definem como "Professor da Era Digital". Conclui que os professores de Língua Inglesa enfrentam desafios que precisam ser superados de imediato na contemporaneidade frente às novas tecnologias para, daí, poder contribuir para a inserção da "cibercultura" e do letramento digital no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Língua Inglesa. Era Digital.

ABSTRACT:Starting with a short history of the English language teaching in Brazilup to the current days, this paper aims to establish to what extend this teaching process has been employing new technologies in its methodology as it has been announced by the Amazonas Government through its Education State Bureau (SEDUC-AM), whose program is entitled "The High School Teacher in the Digital Era", promised to be spread throughout the whole state by distributing high technology equipment and applying these new technologies to improve the teaching and learning of the curriculum subjects. Based on authors such as Kumar (1997), Lévy (1999), Santos (2011) and Tedesco (2004), this paper selects and defines the terms associated with the "Digital Era" context and then analyzes the data gathered from Humaitá's high school teachers to assure whether the proposed program has been duly applying these new technologies in their everyday practices or not. Finally, it points out towards the greatest challenges that are common to both teachers and students in the contemporary school system, since it has been identified during the investigation that teachers and students are separated by a wide gap concerned between digital and school literacies as well as the challenges that are put through the insertion of students in cyberculture and their appropriation of the new technologies.

KEYWORDS: Teaching. English Language. Digital Era.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias, a escola foi-se modernizando e, da mesma forma, as metodologias de ensino foram inovando, trazendo benefícios a

[1] Artigo científico apresentado em 12 de abril de 2013 como requisito obrigatório da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, ministrada pelo Professor Dr. Marcos Vinícius Scheffel.

[2] Acadêmica do Curso de Letras da UFAM/IEAA. Orientador: Professor MSc. José Amarino Maciel de Brito. E-mail: kellynha_sds@hotmail.com

professores e alunos, seja pela otimização do tempo, seja pela qualidade dos programas usados no meio educacional.

A tecnologia avança de uma forma surpreendente. Com isto, o ensino da língua inglesa tem se beneficiado. Entretanto, nem todas as escolas da rede pública detêm todo o equipamento tecnológico e eletrônico anunciado pelas secretarias de Educação e, sendo assim, nem todas as escolas, professores e alunos se encontram inseridos no mundo digital ou mundo virtual.

Obviamente, alguns alunos acessam a internet e usam computadores fora da escola, embora seja mais para o entretenimento e o lazer do que para fins educacionais.

Nas últimas décadas, diante da globalização mundial, o inglês adquiriu uma posição ímpar, mas, apesar desse prestígio, existem muitos desafios que perpas-sam pela prática pedagógica dos professores no ensino desta língua no Brasil, tanto no nível fundamental, quanto no médio e mesmo no nível superior.

Exercer a função de professor de Língua Inglesa não se resume à aplicação de técnicas e de atividades previamente estabelecidas, havendo uma complexidade de fatores que requer destes profissionais a mobilização dos saberes teóricos e práticos capazes de favorecer o desenvolvimento de sua formação profissional mediante um processo contínuo.

Diante de um mundo globalizado, o inglês é considerado por Santos (2011, p. 2) como “o idioma mais adequado para expressar a sociedade mediática”, tomando a frente pela precisão, brevidade, concisão, dentre outros pontos, sendo a sua gramática apontada por Ortiz (*apud* SANTOS, 2011, p. 3) como “mais simples do que qualquer outra língua rival [...], a língua da transversalidade que exprime e revela ao mesmo tempo a globalização”.

Na escola pública, o aluno trata o inglês com desprezo, indiferença e descaso, gerando questionamentos diante do professor, o qual se vê de mãos atadas diante da “ineficácia” do seu método de ensino, levando alguns alunos a não acreditarem que o que irão aprender nas aulas lhes servirá, de alguma forma, para o seu futuro, enquanto outros parecem já ter esta certeza.

No ensino de Língua Inglesa, exige-se que o professor faça a articulação entre a teoria e a prática, integrando os saberes científico-tecnológicos, bem como associar os conhecimentos específicos da formação profissional e os saberes tácitos que advém das práticas sociais e da experiência profissional à sua prática. Estabelecer

estas inter-relações e adequar estes conhecimentos aos lugares em que atuam são desafios a serem enfrentados pelos professores de Língua Inglesa no exercício de sua atividade didático-pedagógica.

Diante das possibilidades que surgem com o avanço de novas tecnologias que favorecem tanto o ensino quanto o aprendizado da língua inglesa em confronto com os desafios impostos pelas dificuldades encontradas no seu dia-a-dia como professor deste idioma, buscamos adentrar no universo da sala de aula para nos certificar de que forma estas novas tecnologias vem sendo usadas em função do ensino da língua inglesa nas escolas da rede pública da cidade de Humaitá, uma vez que o programa do governo estadual que garantiu um *laptop* para cada professor desta rede de ensino lhes dá a denominação de "Professor na Era Digital" como um título.

Para entender de que forma o professor de Língua Inglesa pode ser chamado de "professor na era digital", dividimos o nosso estudo em duas etapas de pesquisa: na primeira, de cunho bibliográfico, buscamos referendar o conceito de novas tecnologias aplicadas ao ensino de línguas e ensino na era digital a partir dos estudos teóricos feitos por Kumar (1997), Lévy (1999), Santos (2011) e Tedesco (2004); na segunda etapa, fizemos uma pesquisa de cunho empírico, através da observação dos trabalhos docentes e da coleta de dados mediante a aplicação de questionários, além de entrevistas, para consubstanciar o nosso referencial teórico e, com base na nossa interpretação de dados, apresentar as conclusões a que chegamos ao final de nossa pesquisa de campo.

Objetivando a investigação das dinâmicas e práticas docentes que nos levassem a entender de que forma o professor de Língua Inglesa pudesse ser considerado "professor na era digital", elegemos 04 escolas públicas para desenvolver a nossa pesquisa de campo. Como os equipamentos eletrônicos que integram o *kit* do "Professor na Era Digital" foram doados apenas aos professores da rede pública estadual, o total de sujeitos respondentes desta pesquisa foi de apenas 04 professores.

Por fim, a pesquisa que resultou neste artigo teve uma abordagem qualitativa, considerando que o tema escolhido poderia incentivar a melhoria do ensino da língua inglesa no currículo brasileiro a partir do emprego de recursos tecnológicos que garantissem a inserção do contingente discente num contexto globalizado, uma vez que a língua inglesa é imprescindível para oportunizar aos alunos das classes menos abastadas uma oportunidade de aprendizado de uma segunda língua como uma

ferramenta importante de comunicação e inclusão social, levando em consideração a imersão no mundo digital em que eles já se encontram inseridos desde que as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) se tornaram acessíveis também às classes menos favorecidas economicamente.

2.O ENSINO DA LINGUA INGLESA NO BRASIL: DAS ORIGENS À ATUALIDADE

Curiosamente, assim que foi instituído no Brasil, o ensino da língua inglesa visava à prática oral, capacitando profissionais brasileiros para atender à crescente demanda do mercado de trabalho que exigia o conhecimento deste idioma por conta do estreitamento das relações comerciais com nações estrangeiras, em especial a Inglaterra. Isto se dera numa época em que ainda estava em voga o método conhecido como "Gramática-Tradução", único utilizado até então pelas escolas para o ensino das línguas clássicas (latim e grego).

O ensino formal da língua inglesa no Brasil percorreu um caminho longo e árduo, e se deu por intermédio do Decreto de 22 de junho de 1809, assinado pelo príncipe regente de Portugal, D. João VI, que ordenou a criação de uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa. Foi oficialmente nomeado professor de inglês o padre irlandês Jean Joyce, por meio de carta assinada na corte que, segundo Almeida (*apud* PALLARES-BURKE 2001, p. 6), enfatizava ser "necessário criar nesta capital uma cadeira de língua inglesa, porque, pela sua difusão e riqueza, e o número de assuntos escritos nesta língua, a mesma convinha ao incremento e a prosperidade da instrução pública".

Depois de introduzido no currículo oficial, o ensino da língua inglesa teve seus altos e baixos.

No Colégio D Pedro II, no Rio de Janeiro, a língua inglesa era ensinada através do Método Direto, no qual só se podia falar a língua estrangeira que era ensinada em sala de aula. Segundo o professor Leão, (*apud* HELB *online*), grande defensor deste método em nosso país, "a implantação deste método no Colégio Pedro II foi uma experiência de valor inestimável para o ensino de línguas no Brasil."

Este método também foi usado no Instituto Militar, uma vez que os alunos precisavam entender o idioma em que estavam publicados todos os livros que usavam naquela época nas escolas, pois todos eram importados.

O grande investimento sobre o ensino da língua inglesa continuou até meados do século XX. Ainda durante o período do Estado Novo, 1930 a 1945, não só o ensino da língua inglesa, mas o de outras línguas européias como o francês, o italiano, o alemão e o espanhol eram altamente incentivados no Brasil.

Em 1932, foi implantada a Reforma Capanema, que durou até o fim da era Vargas. Segundo a revista HELB, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, esta foi a época em que as línguas estrangeiras tiveram mais valorização. Também neste período, o ensino da língua inglesa era feito com base no método direto.

> Enfatizamos que as instruções dadas levavam em conta a questão metodológica, sendo o "método direto", embora mais por denominação do que em seu uso real, utilizado por representar "um ensino pronuncia-damente prático", sendo acatado para os idiomas vivos estrangeiros, os seguintes objetivos: "objetivos instrumentais" (ler, escrever, compreender o idioma oral e falar), "educativos" (contribuir para a formação da mentalidade, desenvolvendo hábitos de observação e reflexão) e "culturais" (conhecimento da civilização estrangeira e capacidade de compreender tradições e ideais de outros povos).(HELB online)

Foi somente na década de 60 que o ensino das línguas estrangeiras passou a perder o seu valor na escola pública, e isto se deveu muito mais à LDB de 1961 do que à saturação do método direto que cedera lugar ao método então conhecido como *audiolingual*, o qual não representou um grande avanço para o ensino de línguas estrangeiras no país. Tanto é que, com o passar do tempo e aumentando a falta de interesse das pessoas em continuar se valendo deste método, as críticas que lhe foram feitas acabaram por desvalorizá-lo e fazê-lo ser substituído pelo antigo método gramática-tradução.

Na verdade, a diferença entre o método direto e o *audiolingual* é que o primeiro exigia professores proficientes e falantes da língua inglesa (quando não, nativos), ao passo que o segundo exigia menos do professor e mais dos recursos eletrônicos e tecnológicos que passaram a ser introduzidos na sala de aula, tais como: sistemas de áudio para reprodução de fitas gravadas por nativos, aparelhos para a reprodução de diapositivos (projetores de *slides*), além de fitas de vídeo (VHS) para a reprodução de imagens e disseminação da cultura estrangeira em sala de aula.

Era necessário fazer um investimento muito alto para dotar as escolas e os professores com as tecnologias exigidas para dar continuidade ao método *áudio-*

lingual. Por isto, ele não deu certo e passou a ser implantado apenas nos cursos livres de idiomas, uma modalidade de escola restrita ao ensino de línguas estrangeiras modernas que se proliferou a partir da segunda metade do século passado.

Com a promulgação da LDB (Lei nº 4024) de 1961, o ensino de línguas estrangeiras se resumiu à escolha de apenas uma das línguas europeias de maior prestígio e, com a redução de sua carga horária, que passou de oito horas semanais para apenas duas, o incentivo que fora dado durante a Reforma Capanema agora perdia força.

Com a LDB (lei nº 5692) de 1971, a situação do ensino da língua inglesa ficou ainda pior, pois esta nova versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reduziu ainda mais a importância do ensino das línguas estrangeiras nas escolas públicas, uma vez que esta desfez a obrigatoriedade do ensino destas línguas nas escolas públicas brasileiras.

De 1961 a 1996, muito pouca importância foi dada ao ensino da língua inglesa no Brasil. Foi neste tempo que floresceram os cursos livres de idiomas como os que proliferam em todas as grandes cidades do país, implantando a ideia de que somente nestes pequenos centros seria possível se aprender uma língua estran-geira, fazendo com que o ensino de Língua Inglesa na escola pública passasse a ser totalmente desacreditado.

A partir dos estudos linguísticos iniciados na Inglaterra na década de 80 do século passado, novas concepções sobre o ensino de língua estrangeiras passaram a ser disseminados em todo o mundo. Foi somente em 1996, com a publicação da LDB atual (Lei nº 9394/96) que o ensino das línguas estrangeiras voltou a ganhar destaque.

Saindo de um cenário de total descrédito, o ensino do componente curricular de Língua Inglesa nas escolas públicas foi recuperando pouco a pouco o crédito e a importância de seu aprendizado.

Até o final de século passado, na tentativa de se implantar uma metodologia de ensino de línguas estrangeiras eficiente, várias foram as tentativas feitas por linguistas e psicolinguistas para encontrarem um método que se prestasse a ensinar uma língua estrangeira com eficiência e em pouco tempo, mas muito pouco resul-tado fora apresentado.

Finalmente, entre o final do século XX e início do século XXI, o mundo foi-se globalizando e a internet – rede mundial de computadores – invadiu as nossas vidas

e a língua inglesa, como ferramenta essencial para o sucesso do processo de globalização, passou a ser mais demandada pela população do que ofertada pelos sistemas de ensino. Embora virasse um bom negócio, daí a existência de tantas marcas de franquia em todo país, os métodos criados nas duas últimas décadas parecem ter despertado pouco interesse da população, já que seus resultados não eram mostrados sob o mesmo ritmo em que o mundo globalizado avançava na direção de absorver e usufruir de todos os benefícios trazidos com o avanço das novas tecnologias.

Como o mundo virtual e digital passou a encantar a todos, novas tentativas passaram a ser feitas com vistas ao ensino de língua inglesa a partir das novas tecnologias implantadas no mercado atual.

Assim, a escola e seus agentes passaram a perceber que a internet, o computador e todas as novas tecnologias de informação e comunicação (as famosas TICs) poderiam ser seus grandes aliados.

Os cursos livres de idiomas do setor privado vêm investindo maciçamente no ensino virtual e à distância, recorrendo sempre ao uso de programas educacionais (*softwares*) que facilitem tanto o trabalho do aluno como o do professor.

Neste contexto, a escola pública, ficando alheia a todo o processo de modernização a que todo o mundo tem estado se adaptando, acabaria por se tornar ultrapassada e obsoleta.

Mas em que consiste o conceito de nova tecnologia e como se dá o ensino virtual? O que é ser “professor numa era digital?” Em quais aspectos o professor da era digital se diferencia daquele da era anterior a esta, do professor tradicional?

Buscando responder a estas perguntas, nós nos lançamos às definições de alguns conceitos ou aspectos conceituais a respeito dos temas: era digital, ensino virtual, novas tecnologias, educação tecnológica, cibercultura, *e-learning* e todos os demais termos que estejam, de alguma forma, atrelados ao período a que Kumar (1997) define como pós-modernidade[3]. Para ele, a “pós-modernidade” se inicia com a globalização. Mas desde quando começou a globalização?

Há quem diga que ela começou há muito tempo; há vários séculos atrás, inclusive. Por conseguinte, a partir da busca por respostas para este e outros questionamentos, iniciamos esta pesquisa definindo os termos que estão atrelados ao

foco deste trabalho: o programa do Governo do Estado do Amazonas intitulado “O Professor na Era Digital”.

3.ERA DIGITAL: ALGUNS ASPECTOS CONCEITUAIS

É certo que o momento que vivemos pode ser definido como Era Digital, levando-se em conta que o termo digital se refere à invenção da máquina que é operada pelo toque de um dedo (*digit,* em Latim). Assim podemos afirmar que a era digital se inicia logo após a Revolução Industrial, a partir do momento em que foram surgindo as máquinas mais sofisticadas e com tecnologia mais avançada do que aquelas que deram início à Era Industrial.

Não há como precisar exatamente quando a Era Digital se iniciou, mas é indiscutível que ela já havia iniciado quando surgiu o teclado do computador, do telefone e de outros equipamentos que funcionam à base de teclas.

Para muitos estudiosos, a *era digital* é sinônimo de *era da informação*. Desta forma, estes termos muitas vezes são confundidos, ora se complementando, ora marcadamente diferentes. No portal do LSI (laboratório de Sistemas Integráveis)[4] da USP, por exemplo, encontramos um texto que nos remete à data em que o transistor foi criado como sendo o marco inicial da revolução digital.

> No dia 16 de dezembro de 1947, nasceu a revolução digital. Foi em Murray Hill, estado de New Jersey, EUA, quando dois cientistas do renomado Bell Laboratories construíram um estranho dispositivo com alguns contatos de ouro, um pequeno pedaço de material semicondutor e um clipe de metal dobrado. A invenção era capaz de amplificar uma corrente elétrica ou ainda ligá-la e desligá-la, como um interruptor. Nascia assim o transistor.

Já no Portal Wikipedia[5], lemos que

> Era da Informação (também conhecida como Era Digital) é o nome dado ao período que vem após a Era Industrial, mais especificamente após a década de 1980 embora suas bases tenham começado no princípio do século XX e, particularmente, na década de 1970, com invenções tais como o microprocessador, a rede de computadores, a fibra óptica e o computador pessoal.

[4] http://www.lsi.usp.br/~chip/era_da_informacao.html
[5] http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_da_Informação

Uma curiosidade que se desponta no cenário marcado pela tecnologia digital é que nem todo mundo acessa estas tecnologias ao mesmo tempo, ou tão logo elas sejam lançadas no mercado. Assim, podemos dizer aqui, para os propósitos deste artigo, que há duas concepções implícitas nas duas preposições que antecedem ao termo *era digital* como passaremos a empregar de agora em diante: o professor na era digital e o professor da era digital. Há que se compreender o primeiro como o professor que pertence ao tempo em que as máquinas são todas (ou quase todas) digitais. O segundo já não é somente aquele que vive no momento conhecido como tal, mas aquele que usufrui desta tecnologia digital. Portanto, todos os professores da atualidade estão na Era Digital, mas nem todos podem ser chamados de "Professor da Era Digital".

Sob este aspecto linguístico-semântico, e também com base no que estabelece o programa (chamado pela SEDUC-AM de projeto) que pretende fazer do professor que vive em tempos dominados pela cultura digital em professor inserido nesta cultura, a premissa de denominar tal projeto de "Professor na Era Digital" perde a sua pertinência se, de fato, a intenção do Governo do Amazonas e os objetivos da SEDUC forem a de dotar os professores de sua rede de ensino de conhecimentos e mecanismos que os possibilitem atuar como sujeitos ativos frente às novas tecnologias voltadas para a Educação e não meros receptores passivos do que outros produzam. Caso tenha sido mesmo esta a intenção do Governo do Amazonas, através de sua SEDUC, o título de seu projeto deveria ser corrigido para "Professor da Era Digital". O trocadilho gerado pela preposição inadequada pode levar o Poder Público ao esquivo de implantar os mecanismos que, de fato, possibili-tem os professores das escolas de sua rede de serem inseridos no universo virtual pós-moderno dotados de todo o aparato tecnológico bem como do conhecimento necessário para tal.

Quando o projeto foi lançado, em 21 de junho de 2010, ele foi divulgado, no dia seguinte, no portal da SEDUC-AM na internet, sob os seguintes termos:

> **Governador lança projeto *Professor na Era Digital***
>
> O governador do Amazonas, Omar Aziz, lançou, na noite de segunda-feira, 21, o projeto Professor na Era Digital, por meio do qual repassará via cautela um notebook para cada um dos 22 mil professores da rede estadual de ensino. O lançamento aconteceu no Centro de Mídias da Seduc, de onde Omar Aziz interagiu, por meio do sistema de video-conferência, com os professores da rede pública que atuam nos 62 municípios do Amazonas.
>
> Os notebooks começam a ser entregues já neste mês de junho e seu uso deve estar associado prioritariamente com o ofício pedagógico. Para o governador Omar Aziz, os notebooks vão impulsionar as atividades escolares, permitindo

ao professor da rede pública a utilização de uma importante ferramenta pedagógica.

"Os notebooks serão instrumento de trabalho de grande importância para os professores para que eles possam passar conhecimento com qualidade. Estou feliz por poder fazer isso e continuar investindo muito na educação do Amazonas", disse o governador a dez mil professores do interior do Estado.

Omar também salientou que esta iniciativa representa a continuidade do compromisso do Governo com um ensino de qualidade e a capacitação de professores. "Além de construir boas escolas, o processo de evolução da educação exige, principalmente o investimento pessoal em nossos educadores. É essencial oferecer cursos de mestrado e doutorado para que as pessoas que promovem a educação no Amazonas estejam cada vez mais qualificadas", destacou.

O Secretário da Seduc, professor Gedeão Amorim, ressaltou que o benefício chegará a todos os professores da capital e do interior e lembrou que os notebooks vão somar-se às várias alternativas e instrumentos tecnológicos já utilizados pela Seduc.

"Inovação é nossa palavra de ordem e o projeto Professor na era digital juntar-se às ações da Seduc, tais como o Centro de Mídias, o Sistema de Gestão Escolar on-line (Sigeam), o Projeto Portal Educacional e a política de expansão dos laboratórios de informática nas escolas da capital e do interior", lembrou.

Os 22 mil laptops que serão entregues estão sendo produzidos no Pólo Industrial de Manaus e têm a configuração de 2GB RAM, Processador dualcore, HD 320 GB, wireless, DVD-RW, webcam, tela LCD 14", Dual Boot, Windows 7, Office 2010 e Linux Educacional.

O lançamento do projeto para os professores da Capital acontecerá na próxima quinta-feira, dia 24 de junho.

Centro de Mídias

Implantado pelo Governo do Estado no ano de 2007, o Centro de Mídias de Educação do Amazonas oferece aulas de ensino médio geradas via satélite para as comunidades rurais do Amazonas. As aulas acontecem por meio do sistema de IPTV (Internet por Televisão), com interatividade de som, imagens e dados.

No estúdio do Centro de Mídias, que fica em Manaus, professores especialistas ministram aulas que são transmitidas em tempo real para comunidades rurais do Amazonas. Na outra ponta, um professor que desempenha o papel de mediador e facilitador, coordena as aulas na classe da comunidade rural.

As aulas são todas minuciosamente planejadas por professores de cada disciplina, que utilizam recursos como trechos de filmes, obras de arte e animações em 3D para ilustrar suas aulas e facilitar a assimilação do conteúdo por parte dos alunos.

(Texto extraído do link: http://www.seduc.am.gov.br/noticia.php?cod=505)

O lançamento do projeto do governo – que consideramos mais apropriado chamá-lo de programa, como faremos a partir daqui – representa um grande marco e um grande avanço para o processo de ensino de todos os componentes curriculares da Educação Básica, e mais especificamente aquele de Língua Inglesa, uma vez que, sem o conhecimento deste idioma, a globalização seria mais lenta, mais dificultosa e

bem mais excludente. Portanto, a associação do ensino de Língua Inglesa ao ensino da Informática é um imperativo que não pode ser relegado a um segundo plano pelos responsáveis pelas políticas educacionais que atentem para um ensino com qualidade, eficiência e de resultados positivos.

Diante de tantos avanços observados desde a Revolução Industrial até os dias de hoje, torna-se inconcebível que a escola ainda continuasse tão atrasada a ponto de não contemplar todos os contextos em que se desenvolve o "letramento digital" e outros fenômenos cujos conceitos vão ser dados a partir daqui.

3.1 Pós-Modernidade e globalização

Para Kumar (1997), a pós-modernidade é "um termo que representa um momento, na história da humanidade, em que culturas diferenciadas e a fácil conexão entre as mesmas proporcionariam condições inéditas de interação entre espaços heterogêneos". Para outros autores, a pós-modernidade não pode ser estabelecida através de um conceito concreto, pois nela tudo se relativiza e, desta forma, peca pela falta de uma consistência teórica. Se para Kumar, a pós-modernidade é marcada pela ampla liberdade, autonomia e emancipação dos indivíduos, para a maioria dos autores, segundo Moraes (2004), ela é definida como

> A época das incertezas, das fragmentações, da troca de valores, do vazio, do niilismo, da deserção, do imediatismo, da efemeridade, do hedonismo, da substituição da ética pela estética, do narcisismo, da apatia, do consumo de sensações e do fim dos grandes discursos.

O termo pós-moderno surge como alternativa a outros termos usados para marcarem os avanços da Revolução Industrial, tais como o pós-fordismo e o pós-industrial.

Para Kumar (1997), o sentido dado à pós-modernidade se confunde com o significado do termo "globalização". Para ele, a globalização, por sua vez, traz vantagens e desvantagens. E mesmo a sua visão otimista sobre a pós-modernidade acaba sendo ofuscada pela anarquia que esta era vem impondo a alguns setores. Em sua resenha sobre a obra "Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna. Novas Teorias sobre o Mundo Contemporâneo" de Kumar (2006), Flávio Ramos (2003), assim resumiu o pensamento de Kumar sobre "pós-modernidade e globalização":

> Uma das principais constatações da pós-modernidade, que neste caso poderia confundir-se, ou fundir-se ao fenômeno da globalização, é o entendimento de que o Estado, antes estruturado a partir de um centro organizado, diluiu-se numa rede de interconexão, com novos atores, nem sempre facilmente identificada. Por outro lado, o próprio sistema social, característica da modernidade, apresenta-se descentralizado e desconectado com instituições puramente nacionais. Os novos movimentos sociais, transversais e introdutores de novos temas, abordam novas questões não necessariamente ligadas a interesses circunscritos aos limites de um Estado nacional. As instituições políticas, por sua vez, constituídas ao longo dos séculos XVIII e XIX, como os parlamentos, sindicatos, partidos políticos, não conseguem mais atender as demandas de um mundo transformado, de uma sociedade multicultural, sem identidade de classe, sem um eixo que possa transformar seus movimentos em algo unificado, com desejos e expectativas de um conjunto harmônico.

Desta forma, ao mesmo tempo em que ele define a pós-modernidade como eclética, ele também a define como escorregadia. E assim ele vai teorizando a sua "pós-modernidade" deixando-nos entender que "as teorias são fruto de mudanças sobre afirmações quanto à emergência de novas formas de trabalho, de pensamento e de sociedade." (Kumar, 2006).

Sobre a globalização, o próprio Kumar (2006, p. 26) prefere citar Held *et al* (2006) quando este diz que a globalização surge como um conjunto de processos "que corporifica uma transformação da organização espacial das relações e transações sociais, gerando fluxos e redes transcontinentais e inter-regionais de atividade, interação e exercício de poder".

Segundo Held *et al* (1999, *apud* KUMAR, 2006, p. 25),

> A globalização traz a "cultura virtual" ou a "cultura da virtualidade real". [...] Existe um ciberespaço da empresa de rede, a tecnologia a serviço das pessoas ou vice-versa. O mundo é virtual e a realidade é mutável, dinâmica, imprevisível e inconstante. Assim, o "informacionalismo global" incorpora as teorias da "sociedade do conhecimento" e do pós-fordismo, gerando o "quarto mundo" em que acolhe "os pobres de informação", os grupos socialmente excluídos e os cientistas, principalmente da região da África

Kumar (2006) também aponta a hiperrealidade como outro fenômeno interessante ligado à pós-modernidade. Para ele, esta hiperrealidade é a realidade construída pela mídia, em que o natural e o artificial, o imaginário e o real, o verdadeiro e o falso se confundem. O homem, como indivíduo autônomo, soberano, se pulveriza em mensagens dispersas em bancos de dados distribuídos pelo globo e sua materialização ocorre de forma secundária na transmissão eletrônica de símbolos (KUMAR, 2006), o que passou a ser realidade somente com o advento da Internet,

como uma rede mundial de computadores que podem estar todos interligados em tempo real.

No mundo globalizado, cada uma das partes é interdependente, constituindo uma rede de intercâmbios, empréstimos e acordos de cooperação, onde adotam-se padrões de comportamento, modelos culturais de outros ou algumas de suas características; é um mundo em que há muitas possibilidades de comunicação, cujas partes se conhecem entre si, se influenciam reciprocamente, se apoiam ou se opõem.

3.2 Cibercultura e novas tecnologias

Com a explosão da indústria de componentes eletrônicos e a produção em massa, o acesso aos aparelhos digitais de alta tecnologia, tais como computadores e telefones celulares, foram facilitados em todo o mundo e até os cidadãos menos desprovidos dos países mais pobres passaram a adquiri-los como um bem indispensável aos estudos, ao trabalho e ao lazer.

Com isto, surge a cultura cibernética, marcando um estilo na vida das pessoas em todo o mundo que só se tornou possível com a internet e a propagação de serviços de telefonia em redes de banda larga.

Diferentes do rádio e da televisão, que desde seus lançamentos até que metade da população mundial os adquirisse levou-se mais de cinco décadas, o computador e o telefone celular modernos e de tecnologia de ponta levaram menos de um quinto do tempo dos primeiros até que mais da metade da população do planeta os adquirisse.

Estas novas tecnologias fizeram descortinar-se um novo panorama mundial em que as pessoas agora não sobrevivem mais se não forem apoiadas por estes aparelhos e seus serviços. Nasce, daí, o ciberespaço e a cibercultura.

Graças ao poder aquisitivo de determinadas populações e o conhecimento da língua inglesa, alguns países saíram na frente nesta corrida desenfreada rumo ao mundo cibernético, onde tudo é virtual e digital.

De acordo com Lévy (1999, p. 44):

> O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um

> computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si.

O computador tem a capacidade de conectar seres humanos de diversos lugares e promover, assim, uma constante troca de conhecimentos e de informações a partir desta rede de máquinas interligadas que formam o ciberespaço, no qual, por meio de um link, a pessoa é levada a um leque infinito de informações e de espaços virtuais. Desta forma, o hipertexto se apresenta como uma ferramenta ativa e abrangente.

3.3 Letramento digital

Desde cedo, os jovens do século XXI já têm acesso às mídias digitais, seja em casa ou na escola. Enquanto professores nascidos no século passado apresentam dificuldades em penetrar e lidar com o mundo virtual, estes jovens já não teriam como viver fora dele. Isto fez nascer uma prática que separa o velho do novo, o virtual do físico, o método tecnológico do método natural, convencional, que foi se tornando sinônimo de ultrapassado.

A caneta e o papel hoje deram lugar ao mouse e/ou teclado e à tela. Textos viram hipertextos. Tudo agora funciona à base do *chip*, do aplicativo ou do *software*. Nada mais parece como antes.

Um aluno adulto da EJA, por exemplo, por estar fora de sua faixa etária, não teria como dialogar com um jovem de 11 a 13 anos para resolver os mesmos problemas que lhes são passados por seus professores, pois as técnicas, métodos e meios de que se valem uns e outros são totalmente diferentes.

O professor dos dias atuais que não detiver conhecimentos sobre o mundo virtual não sobreviverá por muito tempo. O mercado demanda mais e mais imersão neste mundo globalizado, internetizado e ligado em rede. Ninguém mais pode ficar *off-line*. A imersão neste universo virtual e digital é imperativo para a escola, o trabalho, a vida em sociedade como um todo.

Todas as práticas inerentes a este universo, da escrita à leitura do hipertexto, da forma como as informações são enviadas e recebidas, como o áudio, a imagem e as instruções são produzidas e transmitidas, todo este conhecimento se constitui no que passou-se a chamar de letramento digital.

O não-letrado digital equivale ao analfabeto de outrora. Será um excluído da sociedade de informação e logo não terá mais lugar nem no mercado de trabalho e nem nas redas sociais.

O letramento digital nada é mais do que o uso que se faz dos recursos tecnológicos, da busca por se tornar conhecedor destes e das práticas que se tornam comuns a partir destes.

Para Soares (2002), a diferença entre o texto escrito no papel e o hipertexto está na tecnologia com que eles são empregados. Ao primeiro, a autora chama de tecnologia tipográfica, e ao segundo, tecnologia digital. Para a autora,

> O texto no papel é escrito e é lido linearmente, seqüencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multi-seqüencial, acionando-se links ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. A dimensão do texto no papel é materialmente definida: identifica-se claramente seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva – a página é uma unidade estrutural; o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela, termina quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeito ou considerar-se suficientemente informado – enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal. (SOARES, 2002, p. 150)

Independente dos cursos que a informática oferece, hoje requisito básico para a admissão em qualquer emprego que exija também o ensino de nível médio completo, a escola pública não só precisa saber de que mundo estamos falando para, em seguida, compreender que a informática – o campo em que o letramento digital vai se dar mais intensamente – deva integrar o seu currículo.

O questionamento que fazemos aqui é o seguinte: quanto à escola está antenada para a cibercultura e quanto ela trabalha com este tipo de letramento, tão diferente do letramento escolar que continuou imutável por séculos a fio?

O programa “Professor na Era Digital” do Governo do Amazonas precisa ser mostrado a que veio. Por isso, com base nestes conceitos e definições, passamos a analisar como este programa vem sendo implantado e como ele está sendo recebido pelos professores das escolas da rede pública da cidade de Humaitá.

Como se trata de um programa da SEDUC-AM e há somente quatro professores desta rede pública que dão aula de Língua Inglesa nas escolas desta cidade, estes foram, então, buscados para ser entrevistados e responder a alguns

questionamentos sobre suas práticas docentes. Nosso intuito era de, primeiramente, saber como o professor via o programa, para, em seguida, saber o que havia mudado para cada um deles a partir deste e quais as ações que já estavam sendo tomadas com a implantação do referido programa. Eis os resultados.

4. A REALIDADE DAS ESCOLAS EM HUMAITÁ: UMA BREVE ANÁLISE

A pesquisa de campo para a coleta de dados junto aos "supostos" beneficiados pelo Programa "Professor na Era Digital" se deu junto às três escolas da cidade de Humaitá em que o foi implantado.

Inicialmente entrevistamos os gestores, visando identificar os recursos tecnológicos que estavam disponíveis para os professores, mais especificamente àqueles de Língua inglesa. Tal levantamento é mostrado nos quadros que se seguem.

Em seguida, passamos a entrevistar os professores de Língua Inglesa. A realidade com que nos deparamos era preocupante. Primeiro, porque os professores possuíam computadores doados pelo governo, porém não haviam recebido nenhum treinamento ou apoio para operar tais equipamentos. Segundo, porque usufruem da tecnologia, mas de forma limitada, uma vez que não há disponibilidade de outros equipamentos e programas educacionais (*softwares*) que os professores de Língua Inglesa pudessem vir a usufruir para dinamizar mais as suas aulas. O terceiro fator que nos chamou mais atenção foi que apenas uma das escolas pesquisadas possuía um laboratório de informática, disponibilizando uma sala específica ao acesso de informática a alunos e professores.

Assim, fomos levados a avaliar a responsabilidade da SEDUC e dos gestores locais quanto a qualificação dos professores e alunos. Seria de suma importância que a escola criasse possibilidades para que sua comunidade tivesse acesso aos modernos meio de comunicação e informação e que fosse capaz de propiciar esta preparação tecnológica na sua comunidade.

4.1 O professor de Língua Inglesa na Era Digital da cidade de Humaitá

Para entendermos até que ponto o professor de Língua Inglesa das escolas pesquisadas se inserem na Era Digital, elaboramos questionários com questões abertas e entrevistas semi-estruturas para identificar desde os recursos tecnológicos

que estão disponíveis para os alunos e professores até o uso que eles vêm fazendo deste em sala de aula em prol de um ensino com mais qualidade.

Das quatro escolas escolhidas para a nossa pesquisa de campo, nenhum dado foi coletado na Escola Plínio Ramos por esta ter tido suas atividades paralisadas para reforma durante os útlimos seis meses. Desta forma, os dados coletados para os fins desta pesquisa se deram apenas em três escolas, sendo que a Escola Patronato Maria Auxiliadora, antes do término desta pesquisa, teve suas atividades letivas para o Ensino Médio encerradas, restando a esta apenas o Ensino Fundamental.

A nossa pesquisa empírica nos forneceu os dados suficientes para as conclusões que apresentamos ao final deste trabalho.

Estes dados foram interpretados nas situações apresentadas abaixo, de 1 a 6 (dados colhidos junto aos gestores das Escolas pesquisadas) e situações de 7 a 14 (dados colhidos junto aos quatro professores de Língua Inglesa destas escolas):

Situação 1:

Nem todos os professores das Escolas pesquisadas têm *laptop* doado pelo governo.

Situação 2:

Houve treinamento em apenas uma escola.

Situação 3:

Só a Escola Oswaldo Cruz têm Laboratório de Informática.

Situação 4:

Apenas os professores da Escola Oswaldo Cruz têm acesso à internet na escola.

Situação 5:

Também só os alunos da Escola Oswaldo Cruz tem acesso à internet na própria escola.

Situação 6:

Recursos disponíveis para o uso do professor de Língua Inglesa nas Escolas pesquisadas:

- TV de grande porte (tela plana acima de 40 polegadas)
- Aparelho de DVD
- Aparelho de áudio
- Projetor de multimídia

Situação 7:

Você possui computador portátil doado pelo governo?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Sim	01	02
Não	-	-

Situação 8:

Você recebeu algum curso ou treinamento para poder utilizar recursos disponíveis por este equipamento?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Sim	-	02
Não	01	

Situação 9:

Você acessa a internet na Escola?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Sim		02
Não	01	-

Situação 10:

Você possui E-mail?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Sim	01	02
Não	-	-

Situação 11:

Você pertence a alguma comunidade virtual ou site de relacionamento?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Sim	01	02
Não	-	-

Situação 12:

Você conhece algum site destinado exclusivamente a professores de Língua Inglesa?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Sim	-	--
Não	01	02

Situação 13:

O que utiliza em sala de aula?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Laptop (ou *netbook)*	01	02
Datashow (ou projetor de multimídia)	01	02
Aparelho de áudio (DVD, MP3 ou Microsystem	01	02

Situação 14:

De quais programas já fez uso em sala de aula?

Resposta	Patronato Maria Auxiliadora	Oswaldo Cruz
Word	01	02
Powerpoint	-	02
Navegador de internet (ex.: Internet Explorer, Mozilla, etc).	-	02
Windows Média Player ou qualquer outro tocador de áudio e vídeo	01	02

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a discutir a situação do ensino de Língua Inglesa e o trabalho que vem sendo exercido pelos professores deste idioma na cidade de Humaitá, frente ao rápido desenvolvimento tecnológico que o mundo tem vivido nas últimas décadas, para entender quais avanços têm sido observados neste campo.

Tomando como ponto de partida para tal análise o projeto da SEDUC-AM intitulado "Professor na Era Digital", diante do quadro que nos foi apresentado, concluímos que o ***professor na era digital*** jamais chegaria ao nível de ou faria jus ao ***professor da era digital***, como pudemos observar nas escolas pesquisadas, o qual implica tão somente no profissional que faz farte do tempo em que as máquinas digitais imperam, embora isso não signifique que este possua prática para dominá-las ou que tenha acesso a estas. Em suma, o projeto da SEDUC-AM é pífio e não atende aos seus próprios objetivos, muito menos ao que explanamos, inicialmente, como sendo próprio do título dado ao projeto.

Devemos ainda ressaltar que o programa criado pelo governo com intuito de fortalecer o trabalho do professor, apesar de ser positivo para o ensino, falhou quando não buscou prepará-lo para utilização dos recursos fornecidos e dispo-nibilizar outros complementares. Assim sendo, devemos levar em conta que muito deste fracasso se deva ao fato de que muitos professores nem dominam o uso destes instrumentos e nem das outras novas tecnologias a serviço da Educação.

Para a real efetivação do programa com a denominação "Professor na Era Digital", considerando o compromisso que o programa deveria ter como prioridade, e ainda pensando no papel do professor, vale lembrar o que dizem os PCNs do Ensino Médio (2000):

> Parece-nos fundamental que aos professores sejam propiciadas condições para realizarem trabalhos concretos com o computador e não apenas cursos teóricos – em consonância, aliás, com os princípios e fundamentos da própria reforma, que vincula teoria e prática. (p. 231)

Desta forma, o projeto do Governo do Estado do Amazonas parece ter colaborado tão somente para criar um perfil do professor na era digital, ou seja, do professor que têm acesso, mesmo que dificultoso, mas não consegue usufruir em sua totalidade dos recursos tecnológicos em seu favor e nem em favor do ensino. É muito

pouco para que estes possam ser considerados integrantes do universo globalizado de que tratamos até agora.

No caso dos professores de Língua Inglesa, que nos interessou mais nesta pesquisa, a realidade parece ainda mais cruel, pois, entendendo que estes dominem um pouco da língua internacional de que todos precisam saber para navegar livremente e sem fronteiras ou limites, apesar de muitos parecem não terem habilidades suficientes para manusear os únicos aparelhos que lhes foram doados, ainda pesa o difícil acesso aos serviços de internet e rede de computadores, o que lhe exclui do mundo globalizado.

Caso o ensino da língua inglesa pudesse ser dinamizado pelo uso das novas tecnologias em sala de aula, desde o emprego do *laptop,* o projetor de multimídia, os *softwares*, o acesso à internet em sala de aula etc, não nos resta nenhuma dúvida que a aprendizagem deste idioma seria facilitado e seus resultados seriam mais positivios e visíveis.

Da forma como o Programa "Professor na Era Digital" vem sendo implantado nas escolas da rede pública estadual, tudo não passa de um engodo, ora para o professor se sentir incluído digital, ora para que o Governo do Estado do Amazonas possa mostrar à população que está fazendo algo em prol do ensino de qualidade com o uso das novas tecnologias, uma balela que só serve para satisfazer aos objetivos escusos daqueles que estão no Poder.

Por último, pensando no papel do professor de Línguas Estrangeira Moderna da Era Digital, recomendamos, como uma proposta que pode fortalecer o papel do educador, principalmente quando o ofício de ensinar implica também na constante tarefa de aprender, que cada professor de Língua Inglesa busque conquistar os dois objetivos abaixo, ditados pelos PCNs do Ensino Médio:

> - Reconhecer que pode adquirir novos conhecimentos de informática, mesmo que seus conhecimentos atuais sejam míninos;
> - Reconhecer-se como participante de uma nova sociedade, em rápida transformação, em que a alfabetização tecnológica é vital para seu aperfeiçoamento pessoal e profissional. (PCN, p. 235)

O professor deve ter uma postura ativa diante das várias mudanças ocorridas nas metodologias de ensino através da globalização, a fim de ter possibilidades de estar inserido no mundo social moderno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais:**Língua Estrangeira / Ensino Medio. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRUZ, Tadeu. **Sistemas de informações gerenciais:** tecnologia de informação e a empresa do século XXI. São Paulo: Atlas, 1998.

HELB *online***. Linha do tempo sobre a história do ensino de línguas no Brasil.** In:Revista Eletrônica da Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Brasília: UnB, 2002. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php?> Acesso feito em 18/04/12.

HELD et al (*apud* KUMAR, 2006) In:. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: Novas terorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: Novas terorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORAES, Jussara Malafaia. **Pós-Modernidade**: Uma luz que para uns brilha e para outros ofusca no fim do túnel Revista Veiga Mais – Edição: Otimismo - Ano 3 - Número 5 – 2004.1. Disponível em: < http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/otimismo_pos-moderno2.html> Acessado em 22/02/2013.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Ingleses no Brasil:** um estudo de encontros culturais. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 227-230, novembro de 2001.

RAMOS, Flávio. **Pós-modernidade e Teoria Social Contemporânea**. Florianópolis: Revista Política & Sociedade (UFSC), nº 02, abril/2003, p. 189-194.

REZENDE, Denis Alcides. ABREU, Aline França de. **Tecnologia da informação aplicada a sistemas de informações empresariais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SAMPAIO, Marisa Narcizo & LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Josineide Vieira dos. **Inglês:** uma língua de prestígio e fracasso. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristóvão-SE/Brasil. 21 a 23 de Setembro de 2011.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e Escrita**: Letramento na Cibercultura. In: Revista Educação & Sociedade. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acessado em 22/02/2013.